

Sociologia Épica: ensaio sobre sujeitos e não-sujeitos do conhecimento.

Débora Angélica dos Santos Oliveira.

Discente do curso de Ciências Sociais.

E-mail: debretiz_2306@hotmail.com

Resumo: O artigo tem como objetivo um debate sobre o processo do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. Tendo como foco central a relação professor e aluno, no intuito de problematizar como o conteúdo sociológico é abordado no EM. Tentaremos elucidar a possibilidade de encarar a Sociologia numa perspectiva Épica, o que consiste em repensar formas “naturalizadas” de abordagem sociológica no espaço escolar. Utilizaremos as bases dos pressupostos do Teatro Épico-Dialético de Berthold Brecht e a metodologia do Teatro do Oprimido sistematizada por Augusto Boal como recurso de ação didática.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Teatro Épico, Teatro do Oprimido, Ação Didática.

Este trabalho surge como uma necessidade de aprofundar temas, discussões e “situações problemas” que nós, professores de sociologia encontramos no Ensino Médio quando nos deparamos com a realidade de uma sala de aula. Problemáticas levantadas a partir da minha participação enquanto estagiária no projeto de extensão universitária “Teatro e Transformação Social – Teatro do Oprimido nas Escolas”. Neste projeto foi possível entrar em contato com realidades educacionais pouco discutidas (ou propositalmente esquecidas). O intuito do projeto, a princípio, era propiciar aos professores da rede pública da Educação Básica a apropriação da metodologia sistematizada pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, o Teatro do Oprimido.

Toda a carga de discussões acumulada neste projeto é apenas um ponto de partida, sabemos que a realidade educacional em suas diversas dimensões não poderá ser elucidada neste artigo e de certo, não é esse o nosso objetivo no momento.

Outra experiência marcante e que influencia diretamente o encaminhamento metodológico do trabalho em questão, foram às atividades referentes às aulas de Metodologia de Ensino e ao Estágio Supervisionado I, II e III. Experiências que possibilitaram mapear e investigar de forma coerente o campo ao qual iríamos observar e realizar as regências.

É importante pontuar que as reflexões aqui explicitadas não surgem do “nada”, é fruto de um processo de pesquisa metodológica e artística desde o ano de 2008 pelo menos, através da Fábrica de Teatro do Oprimido, uma organização composta por um núcleo de atores, da qual faço parte, que fundamenta atualmente sua pesquisa teatral com base nos pressupostos do Teatro Épico de Berthold Brecht, mas que nos caminhos que percorreu, trabalhou intensamente com a metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. O trabalho desenvolvido pela FTO-Londrina tem como “essência” uma pesquisa extra-estética, além dos domínios da “arte pela arte”, é compromissada com o social.

Essas colocações são um tipo de “acerto de contas”, é fundamental discernir quais as referências em que me apóio e que me influenciam diretamente para avançarmos na discussão.

O Compromisso da Sociologia com a Educação “Básica”

Quando vamos a campo, temos a impressão que os alunos são os que mais necessitam desta Instituição, de que são centrais para que a escola continue existindo, ora são seres que se encontram em todas as classes, seres que necessitam aprender conhecimentos sistematizados da matemática, do português, da biologia, da filosofia, da geografia, história, sociologia e etc. Em alguns casos são considerados “clientes” e no caso da Escola Pública (“Básica”), que é o que nos interessa, são apenas “ouvintes”, investigaremos os “porquês”.

Sabemos que este espaço determina e ao mesmo é tempo determinado pelo social, o problema é que geralmente não “estranhamos” quando ainda encontramos na escola um convívio plenamente hierarquizado, pautado em modelos de ética quase “empresarial”, onde os demais trabalhadores da educação, por exemplo, merendeiros e faxineiros, são propositalmente “excluídos” de um suposto “projeto de Educação”. Podemos observar ainda relações de poder no espaço escola que se materializam inevitavelmente na indispensável relação entre professores e alunos; encontramos desde situações “clássicas” onde professores falam e alunos escutam passivamente, mas também nos deparamos com alunos que falam fazendo calar o professor.

Enquanto estudantes em processo de formação docente, nos atentar para esta relação é de extrema importância, estamos num processo de ensino-

aprendizagem que visa nos preparar para assumir uma sala de aula, a ter o espaço da escola como ambiente de trabalho e conseqüentemente como espaço que possibilitará, salvo exceções, a reprodução de nossas condições materiais de existência. Ou seja, para a maioria de nós este será o trabalho de uma vida.

Em quatro anos de curso (ou mais), nos munimos de um emaranhado de conceitos e teorias, nos propomos a compreender e refletir no mínimo duzentos anos de história do pensamento sociológico e de transformações sociais desde os clássicos aos contemporâneos. Exercitamos nossa capacidade de “imaginar” sociologicamente, e como professores (não nego), temos sim muito a contribuir para a formação dos alunos. Mas costumo me perguntar: qual o alcance da sociologia no Ensino Médio? Será característica da sociologia sempre que “surge” reorganizar algum tipo de desorganização social? Ianni, por exemplo, diria em um artigo cujo título é “*A Sociologia e o Mundo Moderno*” que:

“É possível dizer que a Sociologia é uma espécie de fruto muito peculiar desse mundo. No que ela tem de original e criativa, bem como insólita e estranha, em todas as suas características, como forma de pensamento, é um singular produto e ingrediente deste mundo. Se lembra do passado e ressoa o futuro.” (IANNI, Octavio. 1989; p. 2)

O autor acima mencionado reflete neste artigo sobre o “compromisso” da sociologia com o mundo moderno, como uma ciência que nasce com as transformações sociais da modernidade e com a consolidação do Capitalismo, mas que de “produto” social torna-se ingrediente, misturando-se aos acontecimentos, produzindo um tipo de conhecimento autônomo, original, que não se esquece do passado e tem o privilégio de arriscar sobre o futuro. Para Ianni - e de certa forma nós também podemos observar isso - a sociologia devido a um constante diálogo com a filosofia, aprendeu a pensar a realidade social de “par – em - par”, assim temos dualidades como *dado e significado, quantidade e qualidade, parte e todo, aparência e essência, singular e universal, causa e sentido, negatividade e contradição* etc. A Sociologia “acostumou-se” a pensar desta forma. (IANNI, 1989; p. 2)

De certo há tendências e correntes de pensamento, segundo Ianni, umas se apóiam mais nas ciências físicas e naturais e outras se fundamentam e tem um compromisso maior com as ciências históricas ou do espírito. O autor identifica

dentro de diversas tendências e interpretações o que ele chama de “três polarizações fundamentais” que funcionam como uma espécie de “princípio explicativo”, que são *causação funcional, conexão de sentido e contradição*. Em suas próprias palavras:

“São formas de explicação e fabulação sobre a sociedade. Entendendo-se que fabulação também pode ser um modo de apanhar o espírito do tempo.” (IANNI, Octavio. 1989; p.3)

A Sociologia para Ianni nasce com as transformações sociais, desenvolveu tendências e formas de interpretar ou explicar o mundo, para ele sem esta ciência, talvez o mundo fosse mais confuso, e nesta busca de explicar o mundo algumas contribuições teóricas da sociologia encontram uma expressão diferenciada, uma “forma artística”, seja épica ou dramática, mas que vão além de apenas conhecer o social, buscam compreender e identificar como a sociedade se movimenta e como se transforma, pensando possibilidades de “reinventar a vida”, neste caso utiliza como exemplos de “escrita épica” Weber e principalmente Marx, neste sentido o autor pontua:

“Karl Marx é uma das figuras mais fortes desta épica. A sua obra é toda ela um vasto mural do mundo moderno. Todas as principais linhas, figuras e cores, todos os principais movimentos e sons desse Mundo estão assinalados nos seus escritos, vibrando na sua escritura.” (IANNI, Octavio. 1989; p.9)

Este pensamento de Ianni nos revela uma forte característica da sociologia, que não necessariamente existe para organizar, padronizar formas de pensamento “básico”, pelo contrário, afirma a transitoriedade desta época e visualiza transformações através de processos sinceramente comprometidos com o conhecimento, que possibilitem reflexão crítica – e não apenas “básica” - sobre o mundo em que vivemos. Sendo assim, encarar a sociologia como uma “fábula épica”, não é considerá-la como literatura histórica, mas sim um meio de analisar a história em todas as suas contradições.

Tendo em vista as contribuições de Ianni (1989)⁰, podemos perceber que a Sociologia no Ensino Médio não precisa assumir um “papel organizador”, estabelecer ou restabelecer uma formação de caráter “reformista”, fundamentada numa nostalgia de “quando os alunos respeitavam os professores”,

ou ainda de caráter “reformatório”, um ensino punitivo para os que não obedecem as regras de funcionamento do espaço escolar.

Deveríamos começar a “não ignorar” essas relações “comunicativas” entre alunos e professores, entre professores e diretores, entre funcionários e professores e diretores e; sobretudo a relação destes personagens reais com uma Educação “Básica” de nível “Médio”. Devemos refletir sobre alcance da sociologia no Ensino Médio: se enquanto disciplina “básica” deve formar “cidadãos de bem” cuja característica é “ouvir – sem compreender - muito bem”, ou proporcionar que os alunos descubram a sua potencialidade de serem sujeitos do conhecimento. Questões épicas, mas que necessitam ser discutidas.

Teatro e Sociologia: uma Fábula Épica no Ensino Médio

Pensar uma interlocução entre Teatro e Sociologia pode parecer algo irrealizável, principalmente para os que têm dentro de si – enquanto visão de mundo - a idéia fixa que Educação deve continuar sendo “básica”. Alguns diriam que a impossibilidade da interação entre *linguagem verbal* e *não verbal* está na própria rotina do cotidiano escolar, marcada pelo tempo corrido, pelas barreiras burocráticas, pela resistência, pela falta de infra-estrutura, etc. Neste sentido buscar um diálogo entre Teatro e Sociologia é absolutamente “não-básico”.

Professores e Alunos têm seus papéis historicamente definidos, ou são sujeitos ou são objetos do conhecimento. Este papel é estabelecido socialmente, professores são os “detentores legítimos do conhecimento”, enquanto alunos são “detentores legítimos do bom comportamento”. Não quero dizer, contudo, que esta estrutura permanece na atualidade rigidamente definida, mas há casos que mesmo quando o professor dá a palavra ao aluno, esta ação não constitui necessariamente um diálogo, não constitui uma troca de saberes, e mesmo quando os alunos falam muito e “participam” da aula, esta não é uma participação significativa, pois na maioria dos casos estão mais preocupados em enfrentar deliberadamente a figura do professor.

Não podemos nos esquecer, entretanto, que também já foi considerado “irrealizável”, em outras épocas históricas, pensar uma interação entre Teatro e Política, ou até mesmo pensar a Sociologia no Ensino Médio, mas em cada momento histórico, as questões foram levantadas e hoje a Sociologia está no

currículo do Ensino Médio, mas esta luta é processual e pensar a relação professor e aluno é um pressuposto desta luta, não pode ser tomado como um empecilho. Esta questão é de extrema importância para pensar o alcance da sociologia no ensino médio, a *forma* como iremos expor ou trabalhar com os alunos a sociologia define em grande parte o alcance dessa disciplina na escola, se ela está servindo para “reorganizar” ou para estimular a “imaginação sociológica” crítica dos alunos. Uma coisa é certa, sempre haverá quem coloque obstáculos entre Teatro e Política, Sociologia e Ensino Médio, Professores e Alunos e não será diferente com esta proposta de pensar Teatro e Sociologia.

Aos poucos percebemos que este debate nos leva a repensar problemas centrais no processo de ensino aprendizagem, como por exemplo, “forma” e “conteúdo”.

A metodologia histórico – crítica de Gasparin é um grande avanço neste sentido, mobiliza o aluno problematizando o próprio conteúdo a ser elucidado na aula, enquanto professores, somos também convidados a nos “distanciar” do nosso próprio planejamento, nos tornamos “mediadores” entre o aluno e o conhecimento sociológico, nos colocamos enquanto “facilitadores” que devem incentivar e mobilizar a aprendizagem, o professor é aquele que apresenta novas formas de tratar um conteúdo, colaborando com uma aprendizagem significativa do aluno através de novas técnicas pedagógicas; segundo Gasparin:

“As técnicas pedagógicas são um dos elementos do processo de mediação. Os demais são: a ação do professor, sua atitude profissional, a forma de tratar o conteúdo, os relacionamentos entre professor e alunos e entre os próprios alunos, as ligações do conteúdo com a vida real dos aprendizes e com o contexto social maior.” (GASPARIN, J. 2002 pg. 111)

Porém, quando se trata de “atos didáticos pedagógicos mediadores da aprendizagem”, continuamos limitados na antiga forma cristalizada de exposição, a palavra é nosso único meio de comunicação e encaramos a sociologia numa perspectiva dramática, como se o conteúdo sociológico pudesse nos proporcionar algum tipo de “catarse”. Por catarse, na metodologia histórico – crítica; entendemos um processo de auto – avaliação do professor e do aluno, onde podemos perceber quais as dimensões que foram trabalhadas e quais necessitam de maior atenção, é um exercício de análise das ações didático – pedagógicas, uma espécie de

“síntese”, onde o maior objetivo é visualizar qual foi o crescimento do aluno e se este conseguiu situar o conteúdo com a totalidade social, nas palavras do autor:

“A catarse é a demonstração teórica do ponto de chegada, do nível superior que o aluno atingiu. Expressa a conclusão do processo pedagógico conduzido de forma coletiva para a apropriação individual e subjetiva do conhecimento. É o momento do encontro e da interação mais clara e consciente da teoria com a prática na nova totalidade.” (GASPARIN, J. 2002 pg. 131)

Aqui a catarse é um ponto de chegada, é um fim atingido, é a conclusão de um processo. A metodologia histórico – crítica avança numa relação *dialógica* entre professor e alunos, há uma troca de saberes, porém sua referência é ainda sim dramática, pois espera superar obstáculos, se propõe conclusiva e tem uma expectativa quanto a um “final feliz”, um propósito alcançado, ou seja, espera que o aluno se aproprie do conhecimento científico como um fim.

A catarse neste contexto não está muito distante da catarse conhecida no teatro, neste procedimento nós encontramos mais facilmente no gênero de representação dramática e consiste basicamente em uma descarga emocional onde o expectador no decorrer de um espetáculo teatral, filme ou novela, sente-se envolvido pela trama e pelos personagens, havendo um processo de identificação e no desfecho, quando o protagonista vence todos os obstáculos e tem um “final feliz”, o expectador sente-se aliviado, tem um momento de purgação de toda angustia que sentiu durante a obra, tendo assim uma catarse.

Em outros termos, é preocupante encarar a sociologia numa perspectiva “dramática”, corremos o risco de nos tornar, enquanto professores, meros expectadores passivos. Acompanhando um desenvolvimento conclusivo do aluno acabamos por determinar um começo, um meio e um fim do processo de ensino aprendizagem. No entanto, a sociologia não é conclusiva, é um conhecimento dinâmico, em constante transformação, assim como nosso próprio objeto de estudo, a sociedade em que vivemos e agimos historicamente. Aqui reside a impossibilidade do drama em tratar questões épicas.

Para compreender melhor o que seria uma “Fábula Épica” no Ensino Médio, devemos antes compreender qual a importância dos três gêneros literários da tradição intelectual alemã, a que estou me referindo. Assim poderemos também entender, por exemplo, porque Ianni caracteriza Marx como um “escritor” épico.

Os gêneros Lírico, Épico e Dramático podem ser compreendidos aqui em seus traços estilísticos fundamentais, segundo Rosenfeld em sua obra “*O Teatro Épico*” há uma aproximação entre gênero e traço estilístico, ou seja, o drama tenderá ao dramático, um poema lírico ao lírico, o Épico ao Épico, mas nada impede que estes traços se influenciem mutuamente, numa relação *substantiva e adjetiva*. Mas pensando em seus “tipos puros” temos no gênero lírico a dimensão da interioridade e da subjetividade, no gênero épico temos a dimensão pública, da vida cotidiana em situações públicas, na rua onde temos muita gente reunida, e segundo Iná Camargo Costa “a esfera política, a esfera dos negócios, a esfera das guerras, isso é a esfera do épico”. No gênero dramático temos a esfera da vida privada, referente à família, brigas de pai e filho ou entre irmãos, amores e grandes paixões.

Este é um pressuposto para compreender porque a Sociologia pode ser encarada a partir de uma perspectiva Épica, pois é neste gênero que a “narrativa sociológica” se encontra, seu conteúdo é “uma épica do mundo moderno”, como argumenta Ianni (1989), é uma narrativa que analisa aquilo que é da esfera do político, das transformações sociais, das guerras, da luta de classes. Esta definição tem a ver com a chamada “crise do drama”, onde os assuntos políticos não eram contemplados no gênero de representação dramática, os críticos teatrais por volta de 1880 já criticavam peças que tratavam de assuntos épicos dentro do drama.

No entanto, devemos ter em mente que quando falamos de “Sociologia Épica”, estamos nos fundamentando no Teatro Épico do dramaturgo alemão Berthold Brecht, que elaborou detalhadamente dentro do gênero épico um traço estilístico de representação dialética, pautado no terceiro pressuposto da tradição intelectual alemã, “*o espírito de contradição*”, a semelhança - não por mera coincidência - da definição de Ianni das “*três polarizações fundamentais*”, neste caso identificamos o *princípio explicativo da contradição*.

Identificamos assim, os pressupostos da relação entre Teatro e Sociologia no Ensino Médio. Num primeiro momento, para propor esta interação devemos nos afastar de nossas referências dramáticas onde esperamos por uma “catarse sociológica”, ou um processo de ensino aprendizagem com começo, meio e fim. Nesta perspectiva devemos estimular a dimensão épica da Sociologia baseada no princípio explicativo da contradição, onde não teremos um “final feliz”, mas sim um processo de constante exercício *dialético* sobre o conhecimento sociológico.

A idéia de trabalhar a sociologia numa perspectiva épica no Ensino Médio não abandona a conceituação de Gasparin de professores que agem enquanto “mediadores” dos conhecimentos sistematizados, pelo contrário visa complementar esta metodologia e estimular mais do que uma relação *dialógica* entre alunos e professores, propõe uma lógica provocativa e ativadora.

Teatro como Ação Didática: Sujeitos e Não - Sujeitos

Até o momento definimos no plano teórico qual a fundamentação da interação Teatro e Sociologia, mas Teatro é também prática e neste contexto pode ser encarado como mais uma “técnica pedagógica” ou então Ação Didática. A intenção não é teatralizar deliberadamente o conteúdo da sociologia, mas a partir do teatro proporcionar ao aluno também uma reflexão física, não nos limitando a linguagem verbal, buscando outra forma de comunicação na *triade* aluno – professor – conhecimento sociológico.

A definição de professor/mediador de Gasparin se aproxima muito da definição do “coringa” do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, este é também um “facilitador” do jogo teatral, um mediador entre *atores* e *não – atores*, entre os *expect-atores* e o espetáculo teatral. Este “coringa” pode ser considerado um ator/narrador, está mediando o diálogo do público com os conflitos apresentados na peça de Teatro-Fórum, mas diferente do que geralmente entendemos por “professor coringa” (aquele que substitui outro); este atua de forma a provocar os expectatores, devolvendo questões em cima da afirmativa destes, na tentativa de desconstruir sua pré-noção do tema abordado e assim mobilizar explicações racionais e possíveis de serem realizadas no cotidiano.

O método estético de Augusto Boal surgiu na década de 1970, foi uma forma de resistir à opressão da ditadura militar e restabelecer o direito ao diálogo entre opressores e oprimidos, a alternativa de Boal foi teatralizar as opressões dentro da estrutura dramática, e esta característica no Teatro do Oprimido tem sua funcionalidade histórica. Uma característica universal do Teatro é utilizar o corpo como veículo de comunicação, como forma de expressar situações e opiniões, e o método estético de Boal nesse sentido têm uma especificidade, pois através de jogos e exercícios teatrais é possível visualizar a realidade cotidiana e debater os problemas sociais através da re-descoberta dos nossos sentidos e de

nossa capacidade de criar signos próprios da linguagem teatral que comunicam o desejo de transformação social.

O arsenal do Teatro do Oprimido reunido no livro “*Jogos para atores e não – atores*” do Boal; é um rico material que poderia ser trabalhado no processo de ensino aprendizagem, desde a Prática Social Inicial a Prática Social Final, pois diversos jogos levantam o material para trabalharmos a problematização do conteúdo sociológico, mas com uma vantagem, proporcionando além de uma *desmecanização intelectual*, também uma *desmecanização física*, neste processo não é apenas a mente que trabalha, mas também o corpo está presente na reflexão sociológica.

O Teatro do Oprimido não tem como objetivo trabalhar apenas com atores “profissionais”, pelo contrário, a intenção é que sejam democratizados os meios e os modos do fazer teatral. O processo de desmecanização física vai de encontro com nosso modo de *sentir* o mundo, as categorias principais do TO trabalham os cinco sentidos que são mecanizados quando não *sentimos o que tocamos*, quando não *escutamos o que ouvimos*, quando não *vemos o que olhamos* e assim ficamos presos numa determinada forma social de sentar, vestir, se comportar e de pensar. Os jogos e exercícios compreendem uma “*desnaturalização*” das maneiras de sentir e pensar a sociedade que vivemos.

Foi possível visualizar um exemplo concreto deste processo em minhas regências, onde os conceitos de *Ação Social* e *Relação Social* de Weber foram também discutidos através de improvisações teatrais, proporcionadas por jogos do TO que ajudou a revelar todo conteúdo ideológico que consumidos periodicamente nas revistas, jornais e na televisão, problematizando as improvisações foi possível identificar e refletir de maneira crítica os discursos sociais que interiorizamos sem perceber.

Um dos aspectos que devemos nos atentar é que a utilização dos jogos e exercícios teatrais dentro do processo de ensino aprendizagem de certa forma “obriga” os alunos a saírem de uma condição exclusiva de apenas escutarem uma aula, são convidados a agir, a se movimentar de forma *ativa*, abandonando a *passividade* recorrente que encontramos quando vamos a campo. A condição de sujeitos do conhecimento, de protagonistas da ação deve ser trabalhada, nunca virá pronta, é um árduo exercício para o aluno e também para o professor que será o mediador deste processo.

O protagonismo da ação didática é algo a ser construído e depende em grande medida da relação professor e alunos. Imagino esta relação à semelhança do próprio título do livro do Boal “atores e não atores”. É um pensamento essencialmente dialético, pois para definir *conceitualmente* quem é ator, é necessário saber quem não é ator.

Vejamos; se “ser” ator consiste em conhecer técnicas teatrais, estar no centro das atenções, ser o conhecedor dos meios e modos do fazer teatral, o “não ator” é aquele que não conhece técnicas e nem meios de fazer teatro, no entanto carrega consigo uma *potencialidade* de ser ator. A democratização do teatro por Boal começa no *teatro essencial*, aquele que fazemos todos os dias quando estamos pensando uma roupa para determinada ocasião, quando escrevemos mentalmente um texto, “ensaiando” o que dizer a alguém, se comportando de maneira adequada ao local que frequentamos e etc. Este teatro todos nós fazemos, neste sentido todos somos Atores, logo todos podemos também atuar no palco, para isso basta nos apropriar dos meios e dos modos do fazer teatral que em alguma época histórica concreta algum grupo se apropriou, e depois propagou a ideia de que ator é aquele “deus” intocável, artista de “dom natural”.

O dom neste caso é *social*, assim como não é “*natural*” nossas relações na atual sociedade, são históricas e, portanto transformáveis. No entanto, podem ocorrer situações como as que aconteceram no estágio quando quis trabalhar com um jogo do TO que iria pensar a relação *sujeito* e *objeto*, os alunos se dividiram em dupla e um (sujeito) deveria esculpir no corpo do outro (objeto) uma imagem do tema da aula que no caso era Fetiche da Mercadoria de Marx, neste caso aconteceu que todos os alunos queriam participar do jogo apenas na condição de *objeto*. Quando questionados, a resposta deles foi que era mais fácil *não* ser *sujeito*, pois este “teria de pensar”.

Isto me lembra da história dos “atores e não atores” do Boal, pois não é suficiente querer estabelecer forçadamente uma relação de diálogo entre professor e alunos, mas esta relação deve ser construída, para que os alunos “*não-sujeitos*” reconheçam esta sua potencialidade de se tornarem protagonistas no processo de ensino aprendizagem, de serem *sujeitos* do conhecimento.

Razões para uma Sociologia Épica

“Segundo a concepção marxista, o ser humano deve ser concebido como um conjunto de todas as relações sociais e diante disso a forma épica é, segundo Brecht, a única capaz de apreender aqueles processos que constituem para o dramaturgo a matéria para uma ampla concepção do mundo.” (ROSENFELD, 1985 pg. 147).

As razões para uma Sociologia Épica estão em construção, mas se podemos delinear traços mais ou menos determinantes, é que os conteúdos da sociologia são épicos, não por serem “narrativos”, mas por se referirem à esfera do político, daquilo que é de interesse da maioria, das transformações sociais, das guerras e lutas sociais e não a esfera das relações *inter-humanas* entre indivíduos apenas. De certo seria um equívoco ignorar a existência de tais relações, e o teatro épico não se desfaz completamente delas, seu intuito é analisá-las em toda sua complexidade social.

Combater os ilusionismos do cotidiano não postula a eliminação das emoções humanas, assim uma das razões para a existência de uma sociologia épica é colocar os alunos/expect-atores em atividade, coloca-los em face de argumentos para que possam estudá-los, analisá-los cientificamente, que sejam mobilizados a tomar decisões, a agir de forma consciente como protagonistas da sua própria história. Nas palavras de Rosenfeld sobre as Razões do Teatro Épico, ele diz:

“A segunda razão liga-se ao intuito didático do teatro brechtiano, à intenção de apresentar um ‘palco científico’ capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la; capaz ao mesmo tempo de ativar o público, de nele suscitar a ação transformadora.” (ROSENFELD, 1985 pg.148).

A proposta da interação Teatro e Sociologia; é um *ensaio* relativamente simples. Assim como Brecht chamava suas peças de “experimentos sociológicos” não abandonando sua condição de ser Teatro com “T maiúsculo”, a ideia essencial explicitada neste trabalho é fazer com que a Sociologia se torne um “experimento cênico”, sem abandonar sua condição de Ciência, com “C maiúsculo”.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

BOAL, Augusto. *Jogos para Atores e Não atores*. São Paulo: Civilização Brasileira, Ed: 2009.

COSTA, Iná Camargo. *Diálogos com Brecht*. In: Transcrição Palestra: “Brecht e o Teatro Épico”.

CARVALHO, Sérgio. (Org). *Introdução ao Teatro Dialético*. Experimentos da Companhia do Latão. São Paulo: Expressão Popular. 2009.

IANNI, Octavio. A Sociologia e o mundo moderno. In: *Tempo Social*; Rev. Social. USP, São Paulo 1(1): 7-27, 1 sem. 1989.

GASPARIN, J. L. *Uma Didática para a pedagogia histórico-crítica*. 3.ed. Revista e ampliada. Campinas. Autores associados, 2005 (Educação Contemporânea).

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.